Data: 29.04.2020

Titulo: "A Europa saberá lançar um programa de relançamento à altura da sua dimensão...

Pub: JORNAL DE negócios

Tipo: Jornal Nacional Diário **Secção:** Nacional **Pág:** 2;24

LUIS
NAZARÉ

"A Europa saberá lançar um programa de relançamento à altura da sua dimensão histórica."

PÁGINA 24

Área: 510cm²/ 26%

Tiragem: 16.981

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6820402

Data: 29.04.2020
Titulo: "A Europa saberá lançar um programa de relançamento à altura da sua dimensão...
Pub: JORNAL DE negócios
Tipo: Jornal Nacional Diário
Secção: Nacional
Pág: 2;24

QuickCom comunicação integrada

Área: 510cm²/ 26%
Tiragem: 16.981
FOTO
Cores: 4 Cores
ID: 6820402

AQUECIMENTO GLOBAL

Manual da incerteza

LUIS NAZARÉ
Economista; Professor do ISEG/ULisboa

Já todos sabemos que o mundo pós-corona será diferente. O que ninguém consegue prever é o momento em que ficará liberto do vírus, nem o grau de resiliência da economia aos seus efeitos devastadores. São muitas as perplexidades que nos perpassam, neste clima de leve retoma do ânimo. Tanto o melhor como o pior poderão estar para vir.

Temos a obrigação de pensar que a Europa saberá lançar um programa de relançamento à altura da sua dimensão histórica.

1. Quando eliminaremos este corona?

Ao certo, ninguém sabe, a não ser que, um dia, ele desaparecerá. A solução está nos fármacos e nas vacinas, os primeiros para combater os efeitos do vírus, as segundas para imunizar a população. Por ora, não há remédio comprovadamente eficaz no tratamento, nem vacina suficientemente testada. E assim mantêm-se as inquietações: amansado o surto inicial, surgirá um novo, lá para o Outono? E qual o grau de mutação rápida deste corona em novas estirpes? Quantos mais ciclos virais nos esperam?

2. Que sectores económicos vêem a sua vida em perigo?

A realidade portuguesa não difere da internacional no que toca à exposição dos sectores de actividade económica à crise sanitária. No mais recente relatório da Boston Consulting Group (Covid-19 BCG Perspectives), são identificados três grupos – os sectores vulneráveis, os sob pressão e os mais saudáveis. Sem surpresa, encontramos no primeiro a indústria automóvel, os transportes, as indústrias de bens duradouros, o turismo, o imobiliário, os *media* e o sector financeiro. Facilmente lhes poderíamos colar o pequeno comércio e as indústrias culturais.

A recuperação será lenta, nalguns casos inviável. Mesmo gigantes mundiais, como a Boeing, encaram a hipótese de fecho, talvez antecipando as alterações estruturais que ocorrerão no campo da mobilidade humana. Para muitas micro e pequenas empresas, que representam o grosso do tecido económico, a morte está anunciada. Resta a esperança de que outras, mais imunizadas, lhes possam tomar o lugar.

3. Quantos ficarão desempregados após o *lay-off*?

Neste momento, cerca de 20% da população activa encontra-se em *lay-off* (num conjunto de 95 mil empresas, segundo dados governamentais). É certo que, para muitos, o emprego cessará, porque as suas empresas encerrarão ou porque se verão forçadas a reduzir o quadro de pessoal. Também aqui resta a esperança de que novas oportunidades venham a surgir.

4. O que desejam os empresários?

Retomar a actividade normal. Só que nem todos vêem a normalidade do mesmo modo, já que a natureza dos seus negócios é diversa. Para muitos, o regresso em pleno só faz sentido quando a procura atingir um patamar suficiente de rendibilidade. Assim, grande parte das empresas gerirá a retoma de modo gradual. Na hotelaria, por exemplo, a reabertura de portas com clientela escassa e regras estritas de protecção sanitária representa um encargo superior ao da suspensão de actividade.

5. O que poderemos esperar da União Europeia?

Data: 29.04.2020
Titulo: "A Europa saberá lançar um programa de relançamento à altura da sua dimensão...
Pub: Jornal de Negócios
Tipo: Jornal Nacional Diário
Secção: Nacional
Pág: 2;24

Só podemos esperar muito. Porque todos, os do Norte e os do Sul, sairão perdedores da actual crise. Com maior ou menor mutualização dos instrumentos monetários, temos a obrigação de pensar que a Europa saberá lançar um programa de relançamento à altura da sua dimensão histórica. ■

Artigo em conformidade com o antigo Acordo Ortográfico

A FIGURA DO MÊS

É curiosa a coincidência de a figura do Pato Donald, de pernas para o ar, ser uma caricatura de Donald Trump. Porque, de facto, são duas faces de uma mesma moeda.
Ao contrário do que os nossos instintos nos sugerem, o Presidente dos Estados Unidos não é estúpido, não é um Bolsonaro qualquer. É um básico, sim, cheio de si mesmo, charlatão, mas conhece bem o seu círculo de apoiantes. Por mais absurdas que sejam as suas intervenções públicas, ele sabe que não se dirige aos segmentos mais esclarecidos da sociedade americana, muito menos à opinião pública europeia.

DONALD
Personagem de desenhos animados

Trump quer ganhar a próxima eleição presidencial. A tarefa, que se afigurava fácil face às candidaturas rivais e à relativa melhoria da situação económica, apresenta-se agora bem mais árdua. Para vencer, ele tem primeiro de ancorar o seu eleitorado em torno dos valores primários que o animam. E, ao mesmo tempo, fazer tudo para que a economia aguente. Pouco lhe importam as contradições e os tiques – ele é uma personagem da Disney. ■

NÚMERO DO MÊS

É o número de postos de trabalho que a indústria cinematográfica de Hollywood emprega, equivalentes a 62 mil milhões de euros anuais em salários, ou seja, perto de 30% do PIB português. Este pequeno universo milionário está agora seriamente em risco.
No CNN Business, Anna-Maja Rappard relata a devastação provocada pelo corona, em apenas um mês, na 7.ª arte californiana – em Fevereiro, a Greater LA tinha 1091 filmes em produção; no final de Março, zero.

722 000

"Receamos que seja o fim de uma era" – dizem os agentes económicos de Hollywood. "Como poderemos fazer filmes sujeitos a distanciamento social?", clamam os realizadores. Numa indústria em que todo o trabalho é eventual, sem contratos firmes, só uma minoria de actores, produtores e executivos dos principais estúdios está a coberto da crise.
À espreita, o estado da Geórgia – que vem desenvolvendo uma política agressiva de atracção do cinema – foi dos primeiros a eliminar as restrições sanitárias. É o *trailer* de um filme de guerra entre republicanos e democratas. Estreia a 3 de Novembro. ■

Área: 510cm²/ 26%
Tiragem: 16.981
FOTO
Cores: 4 Cores
ID: 6820402